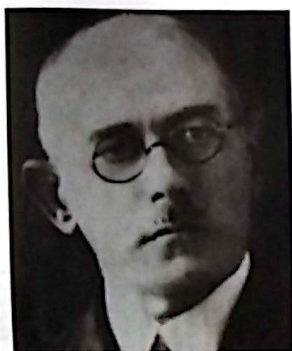


O início – 3 de Maio de 1907

Nelson Guimarães Proença



Adolph Lindenberg

A criação de um setor de Dermatologia, na Santa Casa de São Paulo, decorreu da vinda do Dr. Adolpho Carlos Lindenberg para esta cidade. De fato, tendo concluído sua formação em importantes capitais européias (Berlim, Viena e Paris), com renomados professores da época (Riehl, Lesser, Brocq, Sabouraud), sua chegada a São Paulo foi cercada de grande expectativa.

E fez por merecê-la. Aceito na Santa Casa, logo demonstrou sua capacidade de liderança, sendo indicado para chefiar o “Ambulatório de Moléstias da Pelle e de Syphilis”. A decisão foi tomada em reunião da mesa administrativa da Santa Casa, em 20 de abril de 1907. O primeiro dia de atendimento do novo ambulatório foi em 3 de maio de 1907.

O Hospital Central da Santa Casa, inaugurado em 1884, teve suas enfermarias distribuídas separadamente para homens e mulheres. Essas foram numeradas e confiadas a médicos de renome da Capital. De início não havia uma enfermaria de Dermatologia, destinada a apoiar o atendimento ambulatorial. Daí ter havido um entendimento com o Dr. Ribeiro de Almeida, responsável pela “2ª Medicina de Mulheres”. Este permitiu, a partir de 1909, que metade de seus leitos fossem destinados à internação de pacientes com problemas dermatológicos, as quais receberam assistência de Lindenberg e seus assistentes. A criação da “4ª Medicina de Homens” veio depois, em 1914, e sua chefia foi entregue a Adolpho Lindenberg. Na segunda e terceira décadas do século XX, foram seus primeiros colaboradores: José Ataliba Ferraz Sampaio, Abílio Álvaro Martins de Castro e José Moacyr de Alcântara Madeira.

A criação da Clínica de Dermatologia da Santa Casa de São Paulo antecedeu a da própria Faculdade de Medicina e Cirurgia, motivo pelo qual ela representa o berço da Dermatologia no Estado de São Paulo.

Lindenberg, com sua inata vocação para a pesquisa científica, montou um Laboratório Experimental, anexo à “4ª de Homens”. Muito bem equipado, com instrumental avançado para a época

e biotério, esse laboratório foi de reconhecida importância para o avanço dos conhecimentos, sobretudo em relação aos temas da medicina tropical.

Recorde-se que o Estado de São Paulo passava por vertiginoso processo de desenvolvimento, avançando suas fronteiras agrícolas em direção à barranca do Rio Paraná. Em consequência, estava ocorrendo um crescimento expressivo da leishmaniose tegumentar americana (úlcer de Bauru), da paracoccidiodomicose (então chamada blastomicose Sul-Americana), do pénfigo foliáceo endêmico (fogo selvagem), da actinomicose, da cromoblastomicose, etc. Em seu estudo destacou-se a Dermatologia paulista – tendo como base de operações o ambulatório, as enfermarias e o laboratório de pesquisa – da Santa Casa de São Paulo.

Contribuiu também a Santa Casa para o ensino médico no Estado. Nela surgiram três renomadas faculdades médicas: a Faculdade de Medicina e Cirurgia (1912), que depois passou a ser a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo; a Escola Paulista de Medicina (1933), atualmente Unifesp; e a Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo (1963).

Esse breve resumo histórico permite colocar em relevo a importância da data, 3 de maio de 2007. Estaremos comemorando não apenas o Centenário da Clínica de Dermatologia da Santa Casa, mas também o surgimento da própria Dermatologia no Estado de São Paulo.

Como dizia o sempre lembrado Professor Miguel Couto, da Faculdade de Medicina da Praia Vermelha, do Rio de Janeiro: “... a boa Medicina se inicia no culto aos Mestres e às Tradições”. Em respeito a essas tradições comemoramos agora a passagem deste Centenário. Desejamos ressaltar a importância do evento e convidamos os dermatologistas de São Paulo e do País a participarem conosco destas comemorações.

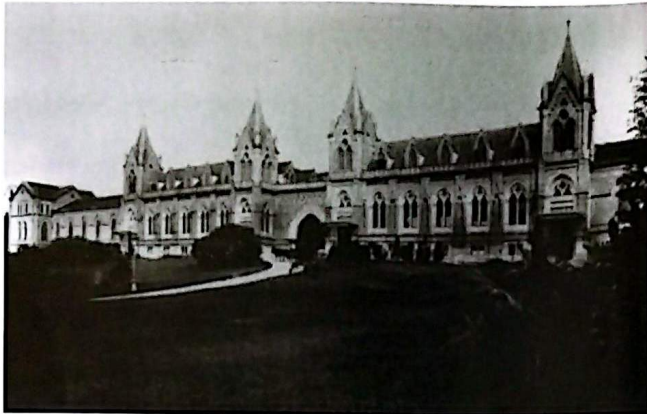


Nelson Guimarães Proença

Ex-Chefe da Clínica de Dermatologia e Ex-Titular da Disciplina de Dermatologia, da Santa Casa de São Paulo

História – 1884: Inaugurada a Nova Santa Casa, o Hospital dos Tijolinhos Vermelhos

Wilmar Roberto Silvino



Santa Casa 1900

Acervo do Museu da Santa Casa de São Paulo

Quanto ao Hospital da Santa Casa, este que hoje é “o de tijolinhos vermelhos”, os registros da época quinhentista e seiscentista são indiretos. Fazem referência ao atendimento, embora não registrem o local onde estava o hospital. A leitura da história obriga-nos a inferência, mas não o mostra claramente. No entanto, algumas referências indicam que havia um “local” para atendimento de doentes.

As primeiras documentações que registram o “local” falam de “casas ao lado da Igreja da Misericórdia”, ou do “consistório da própria Igreja”, que servia de enfermaria. Segundo Raul Votta: “...teria sido instalado ao lado da Igreja da Misericórdia, em alguma velha casa, tanto que, 27 anos após, a Mesa de 11 de fevereiro de 1742 cogitava a compra de quatro casas contíguas à Igreja, a fim de adaptá-las e deixá-las em condições de receber doentes. Não seria uma ampliação das instalações primitivas?” Tal presunção de Raul Votta tem amparo, também, no assentamento encontrado por Laima Mesgravis, no Registro Geral da Câmara Municipal de São Paulo, no qual lê-se: “...menção a uma solicitação feita pela Misericórdia no mês de julho de 1716, de doação de terreno devoluto próximo da Igreja da Misericórdia, onde atualmente se localiza a Rua Direita...”

O registro histórico mostra claramente essa localização, onde hoje está o Edifício “Ouro Para o Bem de São Paulo”, na rua Álvares Penteado, próximo ao Largo da Misericórdia e que, desde 1696, foi rua “direita da Misericórdia”, “rua direita da Misericórdia para Santo Antônio”, “rua que vai da Misericórdia para Santo Antônio Velho”, “rua que vai da Misericórdia para São Bento”, “rua da Quitanda Velha”, “rua do Comércio”...

Outros documentos falam também de enfermaria na própria cadeia da cidade, já funcionando em 1743, na esquina da rua São Bento com o adro de São Francisco, hoje Largo do Ouvidor. Há

também referência ao edifício da atual Praça João Mendes, ao lado da Igreja de São Gonçalo, que teria abrigado muita gente.

Alguns episódios sociais e outros de saúde pública, em meados do século XVIII e no XIX, aliados à saga desenvolvimentista do povo de Piratininga, acabaram induzindo – para não dizer “forçando” – a necessidade de criação de novos leitos para enfermos.

Assim, citaríamos o flagelo da peste amarela, a Independência do Brasil, a recuperação econômica da Capitania (que havia sofrido sério empobrecimento na segunda metade do século XVIII), a produção do açúcar e do café para exportação, o aumento demográfico, o intenso processo de urbanização, somado ao grande desenvolvimento político e econômico da cidade, dentre outros. Importantíssimo lembrar que a Administração da Santa Casa sempre esteve aos cuidados de homens que eram também líderes ou, no mínimo, partícipes dos governos, seja como colônia ou na Imperial Cidade de São Paulo.

Nesse ponto da história paulistana cabe ressaltar os hospitais da Luz, para atendimento aos leprosos, e o do Lavapés, ou da Glória. Aquele, onde está hoje a rua João Teodoro; este, construído na Chácara dos Ingleses, no Largo da Glória, já na Baixada do Lavapés, onde está hoje a rua da Glória, esquina com a rua dos Estudantes.

Se agora perguntarmos aos que trabalham na Irmandade, médicos ou não: “O que é a Santa Casa?”, não virá uma simples resposta como: “É o Hospital no qual trabalho”. Virá sempre resposta complexa, algo como: “Lugar ao qual dão parte da minha alma, onde ajudo pessoas, onde aprendo lições de vida, o lugar de sacrifícios e de dores, compensados com sorrisos e lágrimas, ou com agradecimentos”.

Quiçá por ter sido o primeiro hospital da cidade, por séculos, talvez por ter abrigado os primeiros médicos, quem sabe por ter sido o corredor pelos quais andaram os primeiros estudantes de medicina, afinal, por força da própria história, ainda uma vez, o sentimento é atávico, genético, histórico, de tradição e será expresso em nossas respostas.

Não é herança?

Não é destino?

Não é o propósito desde sempre e para sempre?

Então, vejamos os passos que levaram a Misericórdia a materializar-se no prédio dos “tijolinhos vermelhos”.

O último quarto do século XIX forjou o crescimento acelerado da cidade com base em três pilares, indissolúveis entre si: a cultura cafeeira, a implantação das ferrovias e a intensa imigração europeia.

Sob forte influência cultural e política, originada na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, a elite enriquecida pelo café imbuíu-se de espírito liberal e humanitário. Era a geração de

Martinico e Antônio Prado, contemporânea a Joaquim Nabuco e Rui Barbosa.

A cidade borbulhava, prestes a explodir em crescimento urbano e em investimentos. As chácaras, no entorno da pequena área chamada “o centro”, começaram a ser retalhadas, deixando a cidade alargar-se.

“O que era propriamente a cidade”, conforme Azevedo Marques, “compreendia as freguesias da Sé, Santa Efigênia, Bom Jesus do Brás e Nossa Senhora da Consolação”. Tais chácaras, dentre outras, eram “... para o Norte, as do Bom Retiro, de Miguel Carlos e do Campo Redondo; para Oeste, a do Marechal Arouche, do Senador Queiroz, de Martinico Prado e a do Bexiga; para o Sul, a do Barão de Limeira, de D. Ana Machado, do Fagundes, do Cônego Fidelis, da Glória, do Menezes e a do Lavapés; para Leste, a do Ferrão e a da Figueira”.

No embalo da expansão da cidade e do crescimento intelectual do povo paulistano, também a Santa Casa, por meio de seu Provedor Antônio da Silva Prado, o Barão de Iguape, e do vice-gerente, o Presidente da Província João Teodoro, passou a registrar deficiência para atendimento “... no curativo dos pobres; à Casa dos Expostos; aos presos pobres da Cadêa e ao Hospital dos Lázaros”. Assim como “o hospital, sito na rua da Glória, até pouco tempo antes de 1872, não possuía as condições necessárias para conter os doentes pobres que aumentavam de modo notável todos os anos”.

Os primeiros médicos começaram a ser contratados: Dr. Antonio Caetano de Campos, Manoel José Chaves, Dr. Ellis (pai), Dr. Honorato de Moura, Dr. João Tomas de Melo, Dr. Salvador Machado, Dr. Borgoff e Dr. Guilherme Ellis (filho).

Relatórios técnicos começaram a ser escritos e a pressionar as autoridades no sentido de darem melhores condições físicas de atendimento aos doentes. Ilustres damas paulistas, dentre as quais D. Viridiana Prado e D. Ana Belarmino Ribeiro de Andrada, passaram a liderar movimentos de arrecadação de fundos e a controlar reformas no hospital, a fim de que pudessem atender mais dignamente seus pacientes.

Mais pressão: médicos e colaboradores começaram a reivindicar “um serviço para moribundos, enfermaria para crianças, cozinha nova, canalização de água para as enfermarias, banheiros para homens e mulheres, melhores latrinas, aquisição de arsenal cirúrgico, mais criados, auxiliares para coser, fazer compras...”

A família Prado, enredada em projetos econômicos, políticos e sociais, passa a interessar-se por melhorar a situação da Casa de Caridade e é nesse momento que surge a idéia de se construir na capital “um novo e magnífico hospital para a Santa Casa, a fim de não defasá-la perante a cidade que cresce e ganha maiores dimensões”.

Cito agora apenas os fatos principais que deram conta do aparecimento de novo hospital.

- 1876 – sessão da mesa da Santa Casa – Provedor Irmão Thomas Luiz Álvares propõe edificação de novo hospital;
- 1878 – setembro – recebimento de generosa contribuição do comerciante português Antônio José Leite Braga, que doa extensa área na chácara do Bexiga;
- 1878 – outubro – lançamento da pedra fundamental do hospital, no Bexiga, com a presença de Suas Majestades Imperiais;
- 1879 – fevereiro – publicação, no jornal *A Província de São Paulo*, do edital para cumprimento do projeto de construção;

1879 – outubro – considerava-se vencedora a proposta do engenheiro Luiz Pucci, na qual se destacava “... na parte superior da fachada, sendo esta construída de pedra ou tijolo...”;

1880 – reunião da mesa – decide-se estudar a troca do local da construção por terreno doado pelo coronel Rafael Tobias de Barros, na chácara do Dr. Rego Freitas, terreno melhor situado e com 40.000 m²;

1880 – reunião da mesa – aprova mudança do local da construção para o terreno do Arouche;

1881 – janeiro – primeiros movimentos de terra;

1881 – fevereiro – alicerces;

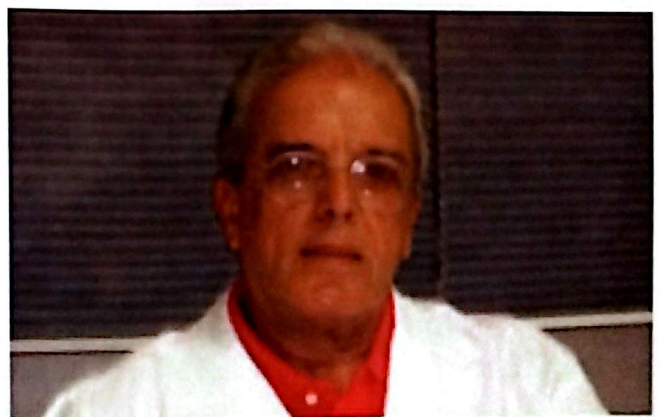
1881 – março – pedra fundamental – a mesma que fora usada no Bexiga;

1884 – setembro – reorganização do quadro clínico do hospital.

Resta ainda dizer que... “Caetano de Campos e Guilherme Ellis não aceitaram tal reorganização e se afastaram do hospital, assumindo em seus lugares os doutores Eulálio da Costa Carvalho e João Ribeiro de Almeida Neto”. Na mesma ocasião... “foi criado o cargo de médico interno”... e “votada bonificação para os chefes de clínica”... “para pagamento da condução” que... “era feita em carros pequenos puxados por um só cavalo”... “O primeiro médico interno foi o Dr. Sílvio Maia, mais tarde especialista em obstetrícia, Diretor da Maternidade São Paulo e Professor da Faculdade de Medicina de São Paulo”.

Quanto ao prédio do Hospital, em 1910, mesmo ao comemorar suas bodas de prata “ainda estava incompleto”, segundo Arnaldo Vieira de Carvalho, mas “já em ponto de nossas estatísticas não temerem confronto com as porcentagens de curas que nos comunicam da Europa mestres respeitados”.

Reflexões acerca destes registros certamente dirão que seria impossível desvincular a história da medicina paulista de suas raízes na Misericórdia. Na reflexão final História, Medicina e Misericórdia estão projetadas na imagem do “hospital dos tijolinhos vermelhos, lá no Arouche”.



Wilmar Roberto Silvino

Oftalmologista, autorizou a publicação da presente crônica, que é parte do Capítulo intitulado “Santa Casa de São Paulo – O Hospital Central”, incluído no livro que teve por editor Geraldo Vicente de Almeida, em comemoração aos 120 anos da Oftalmologia Paulista

Depoimento – Meus anos na Santa Casa: 1938-1945

Sebastião de Almeida Prado Sampaio

Em 1938 ingressei na Faculdade de Medicina da USP, graduando-me em 1943. Familiares e amigos passaram a me olhar como futuro médico e, portanto, tive de aprender a medir a pressão arterial e a fazer injeções. Para aprender a aplicar injeções, comecei a freqüentar a “Liga de Combate à Sífilis”, na qual os estudantes de medicina tinham contato com os doentes, assistiam às consultas e aprendiam a fazer injeções. “A Liga de Combate à Sífilis” era uma instituição criada e mantida pelo Centro Acadêmico Oswaldo Cruz. Nessa época, a sífilis era um problema social e médico importante. A incidência era grande, os doentes eram numerosos e o tratamento demorado. Este durava de 2 a 4 anos, com injeções intramusculares de sais de bismuto e intravenosas de um arsenobenzol (914). Recordo que as injeções intravenosas de arsenobenzol não podiam extravasar e havia doentes com veias de difícil acesso. Felizmente, dois dos meus colegas faziam questão de aplicar as injeções nos doentes com veias difíceis e, aliás, tornaram-se peritos nesses procedimentos.

As injeções de bismuto eram aplicadas no período da noite, em sala do Instituto Clemente Ferreira; as do arsenobenzol aos domingos, pela manhã, no Ambulatório da Clínica de Dermatologia, no Pavilhão Conde de Lara da Santa Casa. Na mesma ocasião eram dadas, conjuntamente, numerosas consultas a doentes encaminhados para o ambulatório. Assim, nos anos subseqüentes, aos domingos, eu aplicava injeções intravenosas ou acompanhava as consultas dos alunos do 5º e 6º anos, estes já membros efetivos da Liga de Combate à Sífilis. Ali estavam Silvio Marone, Daher Cutait, Octavio Germeck, Rubens Dal Molin e outros. O Prof. Aguiar Pupo era o Diretor Clínico da “Liga de Combate à Sífilis” e muitas vezes também comparecia aos domingos, examinando doentes e orientando os alunos.

Os serviços de atendimento das cátedras de Clínica Médica, de Clínica Cirúrgica e de Especialidades ficavam todos na Santa Casa. O Ambulatório da Clínica de Dermatologia, dirigido pelo Prof. Aguiar Pupo, ocupava todo o 5º andar do Pavilhão Conde de Lara. Além disso, a 4ª Medicina de Homens era destinada exclusivamente a doentes dermatológicos, dirigida pelo Prof. Adolpho Carlos Lindenberg; já a 3ª Medicina de Mulheres tinha a orientação do Prof. Aguiar Pupo.

De 1941-1943, freqüentei a 2ª Medicina de Homens, sob a direção do Prof. Rubião Meira. Eram cerca de 50 a 60 doentes internados, distribuídos em grupos chefiados pelos Professores Jairo Cavalheiro Dias, Luiz V. Decourt, Antonio B. de Ulhoa Cintra e João Alves Meira. Havia reuniões clínicas

às quais comparecia o Prof. Jairo S. Ramos. Eu fazia parte do Grupo do Prof. Jairo Cavalheiro Dias, com o meu colega Clovis Buller Vieira. Nessa época, a diagnose era feita por uma semiologia rigorosa – anamnese minuciosa e semiótica objetiva detalhada – orientada pelo Prof. Jairo Ramos. Exames complementares, em geral, somente hemograma e urina. A eletrocardiografia estava no início. Aliás, a tese de docência do Prof. Decourt foi sobre eletrocardiografia. A terapêutica era primitiva: cardiotônicos, analgésicos, antiespasmódicos, diuréticos, eventualmente outros medicamentos. A sulfapiridina era recém-introduzida.

A 4ª Medicina de Homens ficava no porão, abaixo da 2ª Medicina, na qual eu trabalhava. Na 4ª se acomodavam 60 a 70 doentes, em leitos e também em colchões colocados sob as camas; eram pacientes de blastomicose, leishmaniose, micetoma, fogo selvagem, entre outras doenças. Como eu já tinha interesse pela Dermatologia, sempre que possível descia a escada que ligava a 2ª à 4ª de Homens para examinar os doentes. Nessa ocasião conheci o Prof. Adolpho Carlos Lindenberg.

Em 1943, a Santa Casa mantinha de plantão de 24 horas para emergências, um médico e, como auxiliares, dois alunos do 6º ano. Esses cargos de auxiliares eram muito disputados pelos alunos, particularmente pelos que desejavam fazer cirurgia, pela possibilidade da intensa prática. Além disso, estavam garantidas a alimentação e outras vantagens. Nesse ano, desejando melhorar minha formação, freqüentei aos domingos os plantões, como voluntário, com Clovis B. Vieira, colaborando com os dois colegas efetivos, Abraão Salum e Abrão Massad. Atendíamos as emergências clínicas com um trabalho intenso, sem qualquer remuneração. Eventualmente a Irmã responsável pelo plantão permitia almoçar e jantar com os plantonistas. Outras vezes, entretanto, tínhamos de ir a uma lanchonete para comer um sanduíche de mortadela, como almoço ou jantar. Recordando o passado e considerando o presente, cabe excluir: como tudo mudou!

Meu segundo período na Santa Casa, já após a formatura, vai de 1943 a 1945. Convidado pelo Prof. Aguiar Pupo comecei a freqüentar, na semana seguinte à minha formatura, o Ambulatório da Clínica Dermatológica. As instalações eram excelentes, com o atendimento diário de cerca de uma centena de pacientes, uma vez que era o único serviço de Dermatologia em São Paulo. Iniciava-se às 7:30 horas e terminava entre 10:30 e 11:00 horas. Meus primeiros mestres foram João da Fonseca Bicudo Junior e Aurélio Ancona Lopez. O Prof. Aguiar Pupo comparecia com freqüência.

apesar de estar assoberbado com as atividades da instalação do Hospital das Clínicas. O Prof. Mario Artom ia quase todos os dias. A diagnose era clínica, com eventuais exames micológicos e histopatológicos. Exames bacteriológicos, sorológicos e intradermo-reações eram realizados, sempre que indicados, no Laboratório Central da Santa Casa, sob a excelente e competente direção de Luiz Salles Gomes. A terapia era a da época. Pasta d'água, pasta de zinco, redutores, queratolíticos, antiparasitários, antimicóticos e outros. Sistemicamente aplicávamos injeções de cálcio, auto-hemoterapia, peptona de Witte, arsenicais e hipossulfito de sódio. Após o atendimento no Ambulatório do Conde de Lara, ia para a 4ª Medicina de Homens, onde, com Vinício de Arruda Zamith, fazíamos visita aos doentes.

O Prof. Lindenberg aposentou-se da Faculdade em 1929 e se dedicava exclusivamente à pesquisa. A 4ª Medicina de Homens já estava sob a direção do Prof. Domingos O. Ribeiro, mas o Prof. Lindenberg mantinha um magnífico laboratório, com os equipamentos mais sofisticados da época, tendo ao lado um biotério. Pesquisador inato, Lindenberg tinha identificado a leishmania e o nocardia, e estava então pesquisando a etiologia do pênfigo foliáceo, o fogo selvagem. Frequentemente conversava conosco esclarecendo dúvidas ou mostrando seus achados. O Prof. Domingos Ribeiro chegava aproximadamente às 11:30 horas e examinava alguns doentes, sobretudo os de blastomicose (hoje paracoccidiodomicose) que eram tratados com sulfapiridina (Dagenan®), sendo este o primeiro tratamento efetivo da moléstia e por ele, Domingos Ribeiro, introduzido. Às 13 horas saíamos para o almoço. Residindo próximo da Santa Casa e não tendo nenhum emprego, eu voltava à 4ª Medicina de Homens.

Nessa ocasião internei na 2ª Medicina de Homens um doente mulato com lesões na face e sintomas gerais, consultado no Ambulatório. Examinado pelos médicos, foi dado o diagnóstico de lupus eritematoso disseminado, sugerido pelo Prof. João Alves Meira. Interessado nesse doente, comeci a procurar casos semelhantes nas enfermarias da Santa Casa e encontrei alguns, antes diagnosticados como tuberculose ou como febre reumática, pois a doença – lupus – era desconhecida em nosso meio. Posteriormente, minha tese de docência foi sobre Lupus Eritematoso Disseminado.

Com esta dedicação integral à Santa Casa, tive inúmeros contatos com o Diretor Clínico, Dr. Sinesio Rangel Pestana, que me chamava para resolver problemas de assistência a doentes. Eu era como um assistente do Diretor Clínico, e por esta proximidade tive sempre o seu total apoio para pesquisas clínicas. De 1943-1945, publiquei 10 trabalhos de relatos clínicos ou de pesquisa, em colaboração com colegas como Vinício A. Zamith, Carlos da Silva Lacaz e Domingos O. Ribeiro. Nessa época a penicilina tinha surgido e, com o decisivo apoio do Dr. Sinesio, que nos forneceu este antibiótico, utilizamo-na na leishmaniose tegumentar e paracoccidiodomicose, aliás, sem eficácia. Iniciei, com Vinício A. Zamith, o uso de sulfadiazina em substituição à sulfapiridina.

Em 1945, o Prof. Lindenberg faleceu. Não havia ninguém com capacidade para substituí-lo. O Laboratório e o Biotério ficaram abandonados. Simultaneamente a Clínica Dermatológica foi transferida para o Hospital das Clínicas. Fui chamado um dia pelo Dr. Sinesio Rangel Pestana, que me perguntou se estaria interessado em ficar na chefia da 4ª Medicina de Homens. Fiquei emocionado com o convite, pois recentemente formado, nunca tinha pensado nessa possibilidade. Procurei o Prof. Aguiar Pupo, o qual ponderou que eu era jovem e imaturo para o encargo, que tinha muito a aprender e, decisivamente, que tinha lugar para mim no Hospital das Clínicas. A despedida da 4ª Medicina de Homens foi dramática, pois tive de abandonar uma enfermaria onde sempre tive a máxima colaboração. Desejo particularmente recordar da Irmã Gabriela, exemplo de dedicação e amor que ficou gravado para sempre na minha memória.

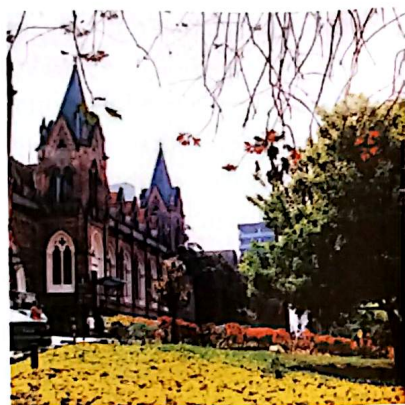
Após 1945, algumas vezes voltei à Santa Casa. Era muito triste. O Laboratório do Prof. Lindenberg estava fechado. A 4ª Medicina de Homens e o Ambulatório de Dermatologia no Pavilhão Conde de Lara haviam sido desativados. Mas houve, posteriormente, a recuperação. Com o decisivo apoio de Aduauto Barbosa Lima, Diretor Clínico, e de Christiano Altenfelder, Provedor, o Prof. Nelson Guimarães Proença realizou uma atividade magnífica, recuperando a Clínica Dermatológica. Hoje podemos nos orgulhar da Clínica Dermatológica da Santa Casa e, certamente, Adolpho Carlos Lindenberg, o fundador, e João de Aguiar Pupo, o continuador, também assim se sentiriam.



Sebastião de Almeida Prado Sampaio
Professor Titular da Faculdade de Medicina
da Universidade de São Paulo, aposentado em 1990

Depoimento – A Clínica de Dermatologia da Santa Casa de São Paulo no Período: 1946-2007

Thaís Helena Proença de Freitas



Santa Casa Atual

Parte I (1946-1992)

Em 1912, foi criada a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, que posteriormente – anos 30 – veio a integrar a Universidade de São Paulo. Durante a construção do Hospital de Clínicas, o curso médico foi ministrado no Hospital da Santa Casa de São Paulo, existente desde 1884. Com o término da construção, todas as cadeiras do curso de graduação foram para ele transferidas. Isso ocorreu em 1946, e a Dermatologia, chefiada pelo Professor Aguiar Pupo, acompanhou a mudança. A chefia da Clínica de Dermatologia da Santa Casa passou então para o Professor Humberto Cerruti.

Os alunos de medicina não freqüentavam mais a Santa Casa e a atividade dos médicos remanescentes tornou-se puramente assistencial. Entretanto, logo ficou evidente a necessidade de que se retornasse ao hospital as atividades docentes e discentes. Tal fato somente se concretizou quando, em 1963, foi criada a Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. A nova faculdade optou por uma organização Departamental, e a Dermatologia passou a fazer parte do Departamento de Medicina. O Ambulatório de Dermatologia foi extinto e a enfermaria conhecida como 4ª Medicina de Homens foi transformada na sala de Anatomia.

A Dermatologia foi transferida para o pequeno prédio, que atualmente abriga a cirurgia experimental, no qual funcionavam o ambulatório e a enfermaria. Após pouco tempo a enfermaria foi fechada. Assim, após o apogeu da Dermatologia da Santa Casa, que durou de 1907 a 1946, esta ficou confinada a um prédio secundário.

Somente em 1972 a administração da Santa Casa, acolhendo sugestão do Professor Sebastião Sampaio, convidou Nelson Proença para reorganizar a especialidade. Nessa nova fase, o apoio de Christiano Altenfelder Silva, Provedor, e de Adauro

Barbosa Lima, Diretor do Departamento de Medicina, foi decisivo. Em 1973, Proença convidou três médicos recentemente formados na própria instituição – Marcus Maia, Fausto Forin Alonso e Salim Amed Ali – para participarem como voluntários do núcleo central da Dermatologia. Além disso, solicitou ao Chefe do Departamento de Patologia, o Professor José Donato de Próspero, que indicasse um de seus assistentes para dar apoio à Dermatopatologia. Dessa forma, a patologista Helena Muller passou a integrar o novo grupo, permanecendo nele até hoje.

Em fevereiro de 1975, Humberto Cerruti atingiu a idade profissional limite de 70 anos, e se aposentou. Foi só então que o Professor Nelson Proença recebeu a Chefia da Clínica, na qual permaneceu até 1992, ano em que se afastou, por decisão própria, ao completar 60 anos de idade. Assim, concedeu aos demais membros do grupo a oportunidade de ascender à chefia. Após a sua saída, Fausto Forin Alonso assumiu a clínica.

Entretanto, o Professor Nelson Proença continuou como Médico Voluntário, até a atualidade, completando já 35 anos de trabalho na Santa Casa!

Parte II – Período contemporâneo (1992-2007)

Iniciei minha carreira profissional na Santa Casa somente a partir de 1984, quando fui convidada para ser Médica Voluntária, no Ambulatório de Dermatologia. Ali atendia as consultas diárias, mas logo passei também a colaborar no atendimento aos pacientes internados. Como era oriunda da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e de seu Hospital das Clínicas, pouco conhecia da rotina do novo ambiente de trabalho. Recordo o quanto fui auxiliada pela então nossa Residente de Dermatologia, Maria Angélica Alcaide, pessoa muito alegre e prestativa que me acompanhava nas visitas aos pacientes internados.

Como todos que têm o privilégio de trabalhar na Santa Casa, logo me encantei com o hospital, apaixonando-me por ele. Uma paixão que, julgo, será eterna. A Santa Casa a todos seduz, desde o primeiro contato, por sua arquitetura muito especial, da qual se destacam os tijolos à vista, os corredores, os arcos góticos, o jardim interno com sua capela, seu ipê amarelo, tudo, enfim, formando um conjunto harmonioso e único. Também o convívio com as pessoas que aí trabalham, um ambiente de fraternidade e humanismo que poucos hospitais podem se orgulhar de ter.

Foi uma feliz oportunidade, a de ingressar efetivamente no Corpo Clínico da Santa Casa, ao ser nomeada em outubro de 1985, pelo então Provedor Mario Altenfelder. Juntei-me, de modo definitivo, à equipe já formada na Dermatologia, constituí-

da por Fausto Forin Alonso, Marcus Maia, Humberto Frucchi, Clarisse Zaitz, Ana Sanchez Boix da Silva e Ida Duarte. Desde minha chegada à instituição, eu logo criei afinidades com esta excelente equipe médica, de fácil convívio, o que me levou a tê-la, até hoje, como minha segunda família. Em nossa Clínica todas as decisões foram sempre o resultado de discussões com a participação de todos; dessa maneira, as novas idéias eram democraticamente analisadas e as decisões eram por todos respeitadas e seguidas.

Nesse período, a Clínica de Dermatologia já ocupava a metade do 5º andar do “Conde de Lara”, onde eram atendidos 1.000 pacientes novos por mês e um número em dobro de retornos. Também ali eram realizados cerca de 200 procedimentos cirúrgicos por mês. Três mil pacientes atendidos mensalmente! Já éramos um grande serviço especializado!

Dado o grande volume de trabalho, e sendo o nosso um hospital de referência, para o qual eram encaminhados casos mais difíceis de conduzir, o chefe da Clínica, e meu pai, Nelson Proença, dividiu o grupo em oito setores, já a partir de 1985. Marcus Maia ficou responsável pela área de cirurgia dermatológica e, mais tarde, também pela oncologia; Fausto Alonso, com a dermatologia na infância; Clarisse Zaitz, com a micologia e a dermatologia tropical; Ida Duarte, com a alergia e, posteriormente, também a fototerapia; Humberto Frucchi, com a psoríase; Ana Sanchez, com o vitiligo; a mim foi designada a patologia do folículo pilo-sebáceo, com destaque para a acne. Nelson Proença reservou para si a orientação do setor de manifestações cutâneas das doenças sistêmicas (aliás, em 1992, esse grupo passou a ficar também sob minha supervisão).

Após o afastamento do Professor Nelson Proença da chefia, em 1992, Fausto Alonso foi indicado como o seu substituto. Um de seus objetivos foi o de melhorar o ambiente para o atendimento aos doentes e também o de propiciar melhores condições para a pesquisa científica. Nessa época, foi descoberto que entre nosso andar e o telhado do Conde de Lara havia um vão enorme, que apenas servia de abrigo para pombos. Surgiu logo a idéia de utilizar esse espaço para a construção de um moderno anfiteatro. Isso foi possível, pois o então chefe, Fausto, conseguiu o apoio da iniciativa privada, que financiou o material necessário à obra. Em 1998, o auditório foi inaugurado, com grande alegria e festividade. Nesse mesmo ano descortinou-se a possibilidade de aproveitar melhor o espaço destinado à cirurgia, somando-o ao espaço ocupado pela Urologia, que utilizava a outra metade do 5º andar. Após longas reuniões com arquitetos e engenheiros da Santa Casa, conduzidas por Marcus Maia, que havia sucedido o Fausto, foi realizada uma reforma para ampliação e modernização do centro cirúrgico ambulatorial.

Três anos depois, a chefia passou para Clarisse Zaitz, que com sua extraordinária capacidade de empreendimento conseguiu a adesão de indústrias farmacêuticas para realizar uma reforma absolutamente completa do Ambulatório. Em 2001, foi reinaugurada a Clínica de Dermatologia nesse excelente espaço. Não só foram criados ambientes adequados ao atendimento dos pacientes, como também se procedeu à informatização de todas as salas do ambulatório.

No sistema de rodízio da Chefia, Ida Duarte assumiu em 2002. Sua produção científica, na área de Alergia em Dermatologia, alçou-a ao âmbito internacional. Ela hoje faz parte do Conselho Editorial das prestigiadas revistas internacionais “Contact Dermatitis” e “Dermatitis”, nas quais também publica seus melhores trabalhos científicos. Coube a mim sucedê-la, assumindo em 2005 a chefia por um triênio.

É importante ressaltar que, desde 1996, a nossa equipe assistencial recebeu novos colaboradores como Silvia Soutto Mayor, Rosana Lazzarini, Valeria Maria de Souza Framil, Nelson Ferrari Júnior, Roberta Buense e Clarice Kobata, que assumiram diferentes setores do nosso ambulatório.

Ao encerrar esse depoimento, gostaria de dizer que a Santa Casa de São Paulo desperta e promove, em quem nela trabalha, um sentimento de amor. Amor pelas pessoas e pela profissão médica. O objetivo final, nunca perdido de vista, é atender as necessidades de nossos pacientes, tanto para o diagnóstico como para o tratamento das doenças, melhorando sua qualidade de vida. Nossos profissionais, altamente qualificados, respeitam sempre os aspectos humanos, os quais na medicina moderna e tecnológica são freqüentemente negligenciados. Na mesma linha de nossos antecessores, buscamos manter a excelência do trabalho antes desenvolvido, continuando a ser uma referência em nossa especialidade. Com esse objetivo, ao longo dos últimos 30 anos, formamos 169 especialistas em Dermatologia. Eles se distribuem pelo Estado de São Paulo, por todo o Brasil, e também pela América Latina.

A Santa Casa foi o primeiro hospital da cidade de São Paulo e a nossa Clínica de Dermatologia, a primeira do Estado.

Queremos destacar que o trabalho desenvolvido nestes 100 anos não foi somente o da construção de um grande serviço especializado, mas também o da realização de um ideal, por todos nós, compartilhado.

Esperamos que novas idéias e projetos se concretizem no futuro, seguindo o espírito inovador do fundador da Dermatologia em São Paulo, Professor Adolpho Carlos Lindenberg.



Thaís Helena Proença de Freitas
*Chefe da Clínica de Dermatologia
da Santa Casa de São Paulo*

Centenário – Um Marco Histórico

Silmara Cestari



Ambulatório Conde de Lara
Acervo do Museu da Santa Casa de São Paulo

São poucas as instituições que conseguem superar, com vigor e atividade contínua, a marca dos 100 anos. O registro de longevidade e pujança conquistado pelo Serviço de Dermatologia da Santa Casa de São Paulo tem, portanto, importância inestimável e inscreve-se na saga da Dermatologia brasileira.

A Sociedade Brasileira de Dermatologia/Regional do Estado de São Paulo (SBD-RESP) sente-se honrada em apoiar e participar das comemorações.

A Dermatologia da Santa Casa está ligada ao nascimento de nossa entidade. Foram os Professores Sebastião Sampaio e Nelson Proença que fundaram, com outros dermatologistas, a SBD-RESP.

O Professor Proença foi, por quase duas décadas, chefe da Clínica Dermatológica da Santa Casa. Em 1981, durante sua gestão, o ambulatório de Dermatologia foi transferido para o 5º andar do Edifício Conde de Lara, no qual se situa atualmente. Ele deixou sua marca, também, na formação de profissionais competentes, que ofereceram suas contribuições para essa história, dentre eles Fausto Forin Alonso, Marcus Maia, Clarisse Zaitz, Ida Duarte, Thaís Proença e muitos outros, alguns dos quais ocuparam posições de liderança na SBD. Foi na gestão de Clarisse Zaitz, por exemplo, ex-presidente da SBD, que as instalações do ambulatório foram reformadas e modernizadas.

O Professor Sampaio esteve presente nos primórdios, de 1943 a 1944, logo após graduar-se em Medicina. Quase todos os grandes nomes da Dermatologia paulista deram sua contribuição para essa grande construção, como o Professor João de Aguiar Pupo, que teve presença fundamental também em nossa Sociedade.

Não só a Dermatologia paulista nasceu na Santa Casa. As primeiras Faculdades de Medicina do Estado têm o seu embrião naquele organismo. Nossa primeira escola, a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, foi fundada em 1912, na Santa Casa, onde funcionou até ser incorporada pela nascente Universidade de São Paulo. A atual Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo foi criada em 1963.

Há, em resumo, uma longa e rica história a ser comemorada no bojo da qual se insere a Dermatologia.

A SBD-RESP quer deixar o registro de seu profundo reconhecimento à obra magnífica que vem sendo construída desde Lindenberg, o qual há um século lançou seus alicerces. Continuamos, ao lado dos protagonistas dessa história, que mantêm o legado transmitido pelos pioneiros, a apoiar o trabalho permanente e meritório.



Silmara Cestari

Presidente da Sociedade Brasileira de Dermatologia,
Regional do Estado de São Paulo

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] – Celso Carlos de Campos Guerra
José Roberto de Souza Baratella – Rubens Sergio Góes – Rui Telles Pereira

Cinemateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza (*in memoriam*)

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.